



INTERFACE CULTURA-BIODIVERSIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOGEOGRAFIA E GEOGRAFIA CULTURAL

Rodrigo Martins dos Santos ¹
Mariana Mendes de Sousa ²

RESUMO

O presente texto se desenvolve em torno da noção de "diversidade biocultural", cujo sentido apresenta elementos duma provável correlação entre biodiversidade e diversidade cultural, inclusive numa escala global, onde há descobertas que indicam similitudes em suas distribuições geográficas. No Brasil, alguns autores preferem usar os termos sociobiodiversidade ou biosociodiversidade para designar um sentido semelhante ao de diversidade biocultural. A diferença está, principalmente, no enfoque, se na diversidade, ou nos aspectos biológicos, culturais ou sociais. Mas o que todas têm em comum é a indissociabilidade do que é entendido por cultura do próprio sentido de natureza. Uma ontologia mais multinaturalista, onde todos os sujeitos (humanos ou não) compõem um o todo, o cosmos, e são manifestações da natureza; do que multiculturalista, onde os sujeitos entendem a natureza como um objeto externo a eles. No entanto, não se trata de ressuscitar um determinismo geográfico ou natural, tampouco contrapô-lo com um determinismo cultural ou sócio-histórico, mas sim buscar identificar elementos que nos ajudem a compreender as conexões bioculturais e socioambientais numa dimensão geográfica. Nesse sentido, o foco aqui será na diversidade em primeiro lugar, e em seguida, nos aspectos biológicos e culturais, estes, porém, não necessariamente nessa ordem. Isso será, sobretudo, num viés espacial, geográfico. Para isso, as categorias geográficas que mais serão aqui exploradas são a paisagem e o território. Na primeira parte do presente texto, apresentamos de uma forma sucinta duas escolas geográficas que tratam dessa temática: a Antropogeografia e a Geografia Cultural. Na segunda, discutimos algumas categorias de análise e conceitos desenvolvidos por elas que poderão auxiliar-nos numa melhor compreensão da diversidade biocultural no espaço geográfico, como os conceitos de área (de origem e difusão) cultural, paisagem cultural, território e territorialidade.

Palavras-chave: Antropogeografia, Geografia Cultural, Geografia Biocultural.

ABSTRACT

This text is developed around the notion of "biocultural diversity", whose meaning presents elements of a probable correlation between biodiversity and cultural diversity, even on a global scale, where there are discoveries that indicate similarities in their geographic distributions. In Brazil, some authors prefer to use the terms sociobiodiversity or biosociodiversity to designate a meaning similar to that of biocultural diversity. The difference lies mainly in the focus, whether on diversity, or on biological, cultural or social aspects. But what they all have in common is the inseparability of what is understood by culture from the very sense of nature. A more multinaturalist ontology, where all subjects (human or not) compose a whole, the cosmos, and are manifestations of nature; than multiculturalist, where subjects understand nature as an object external to them. However, it is not about resuscitating a geographical or natural determinism, nor contrasting it with a cultural or socio-historical determinism, but rather trying to identify elements that help us to understand the biocultural and socioenvironmental connections in a

¹ Doutorando pelo Curso de Geografia Física da Universidade de São Paulo - USP, rm.santos@usp.br.

² Mestranda pelo Curso de Geografia Humana da Universidade de São Paulo - USP, msousa@usp.br;



geographical dimension. In this sense, the focus here will be on diversity first, and then on biological and cultural aspects, these, however, not necessarily in that order. This will be, above all, on a spatial, geographic bias. For this, the geographic categories that will be explored the most here are landscape and territory. In the first part of this text, we briefly present two geographic schools that deal with this theme: Anthropogeography and Cultural Geography. In the second, we discuss some analysis categories and concepts developed by them that may help us to better understand biocultural diversity in geographic space, such as the concepts of cultural area (of origin and diffusion), cultural landscape, territory and territoriality.

Keywords: Anthropogeography, Cultural Geography, Biocultural Geography.

ABSTRACT

Ce texte est développé autour de la notion de « diversité bioculturelle », dont le sens présente des éléments d'une corrélation probable entre biodiversité et diversité culturelle, même à l'échelle mondiale, où il y a des découvertes qui indiquent des similitudes dans leurs répartitions géographiques. Au Brésil, certains auteurs préfèrent utiliser les termes de sociobiodiversité ou de biosocidiversité pour désigner un sens proche de celui de diversité bioculturelle. La différence réside principalement dans l'accent mis, que ce soit sur la diversité, ou sur les aspects biologiques, culturels ou sociaux. Mais ce qu'ils ont tous en commun, c'est l'inséparabilité de ce qu'on entend par culture du sens même de la nature. Une ontologie plus multinaturaliste, où tous les sujets (humains ou non) composent un tout, le cosmos, et sont des manifestations de la nature ; que multiculturaliste, où les sujets appréhendent la nature comme un objet extérieur à eux. Cependant, il ne s'agit pas de ressusciter un déterminisme géographique ou naturel, ni de l'opposer à un déterminisme culturel ou socio-historique, mais plutôt d'essayer d'identifier des éléments qui nous aident à comprendre les liens bioculturels et socio-environnementaux dans une dimension géographique. En ce sens, l'accent sera mis ici d'abord sur la diversité, puis sur les aspects biologiques et culturels, ceux-ci, cependant, pas nécessairement dans cet ordre. Ce sera surtout dans un biais spatial, géographique. Pour cela, les catégories géographiques qui seront le plus explorées ici sont le paysage et le territoire. Dans la première partie de ce texte, nous présentons brièvement deux écoles géographiques qui traitent de ce thème : l'Anthropogéographie et la Géographie culturelle. Dans la seconde, nous discutons de certaines catégories d'analyse et concepts développés par eux qui peuvent nous aider à mieux comprendre la diversité bioculturelle dans l'espace géographique, tels que les concepts d'aire culturelle (d'origine et de diffusion), de paysage culturel, de territoire et de territorialité.

Mots-clés: anthropogéographie, géographie culturelle, géographie bioculturelle.

INTRODUÇÃO

O presente texto se desenvolve em torno da noção de "*diversidade biocultural*" a partir do sentido discutido em Maffi (2001), que apresenta elementos duma provável correlação entre biodiversidade e diversidade cultural, inclusive numa escala global, onde há descobertas que indicam similitudes em suas distribuições geográficas.

No Brasil, alguns autores preferem usar os termos *sociobiodiversidade* (DIEGUES, 2008 [1996]) ou *biosocidiversidade* (CARVALHO, 2000) para designar um sentido semelhante ao de diversidade biocultural. A diferença está, principalmente,



no enfoque, se na diversidade, ou nos aspectos biológicos, culturais ou sociais. Mas o que todas têm em comum é a indissociabilidade do que é entendido por cultura do próprio sentido de natureza. Uma ontologia mais multinaturalista, onde todos os sujeitos (humanos ou não) compõem o todo, o cosmos, e são manifestações da natureza; do que multiculturalista, onde os sujeitos entendem a natureza como um objeto externo a eles (VIVEIROS DE CASTRO, 2004). No entanto, não se trata de ressuscitar um determinismo geográfico ou natural, tampouco contrapô-lo com um determinismo cultural ou sócio-histórico, mas sim buscar identificar elementos que nos ajudem a compreender as conexões bioculturais e socioambientais numa dimensão geográfica.

Nesse sentido, o foco aqui será na diversidade em primeiro lugar, e em seguida, nos aspectos biológicos e culturais, estes, porém, não necessariamente nessa ordem. Isso será, sobretudo, num viés espacial, geográfico. Para isso, as categorias geográficas que mais serão aqui exploradas são a *paisagem* e o *território*.

Na primeira parte do presente texto, apresentamos de uma forma sucinta duas escolas geográficas que tratam dessa temática: a Antropogeografia e a Geografia Cultural. Na segunda, discutimos algumas categorias de análise e conceitos desenvolvidos por elas que poderão auxiliar-nos numa melhor compreensão da diversidade biocultural no espaço geográfico, como os conceitos de *área (de origem e difusão) cultural, paisagem cultural, território e territorialidade*.

METODOLOGIA

Análise, com base nos autores clássicos da Antropogeografia e da Geografia Cultural e em bibliografia de apoio, de conceitos fundamentais para o entendimento da relação entre biodiversidade e diversidade cultural no espaço para a construção de uma possível Geografia Biocultural. Os conceitos principais analisados são: *área (de origem e difusão) cultural; paisagem cultural; território; e territorialidade*.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estudos que buscam indissociar ações humanas de suas relações intrínsecas com as formas de vida não-humanas foram uma das preocupações iniciais da Geografia enquanto disciplina científica, organizada no decorrer do século XIX (RATZEL, 1909).



Os irmãos naturalistas Wilhelm e Alexander von Humboldt foram um dos principais precursores. Enquanto o primeiro contribuiu para a organização disciplinar da Linguística (TOSSIN, 2017), o segundo para as bases científicas da Geografia moderna (MORAES, 1989), dentre outras disciplinas. Trabalhos como o de Martius (1867) são exemplos de cartografia linguística e geografia inspirados pela obra dos referidos irmãos.

Mas será Friedrich Ratzel, com a sua *Antropogeografia*, desenvolvida no último quartel daquele século, um dos primeiros cientistas a se preocuparem em apresentar metodologicamente caminhos para se estudar e cartografar a diversidade biocultural. Sua proposta contribuiu para a consolidação da Geografia enquanto disciplina científica (MORAES, 1990), e influenciou o surgimento dos campos da Geografia Humana, Cultural, Política, dentre outras.

Importante lembrar que a ciência que se consolida na Europa novecentista, calcada na filosofia grega e na ética judaico-cristã, busca a classificação do mundo para controlá-lo. Tanto a Geografia como a Linguística e a Antropologia (bem como outros campos científicos) contribuíram para o avanço da dominação europeia sobre diversas culturas e paisagens planetárias. Por isso é necessária uma leitura crítica e contextualizada dessa produção.

ANTROPOGEOGRAFIA

Na Geografia, a busca pelo entendimento das relações entre natureza e sociedade tomou força com a obra *Anthropogeographie* de Friedrich Ratzel (1909 [1882]). "Ela contém a primeira proposta explícita de um estudo geográfico especificamente dedicado à discussão dos problemas humanos" (MORAES, 1990: 7), criando condições ao surgimento da Geografia Humana. Entretanto, para o próprio autor lhe pareceu "mais importante a afiliação da Antropogeografia a uma Biogeografia geral"³ (RATZEL, 1909: X, *t.m.*).

Apesar da palavra "*biogeographie*" ter sido definitivamente cunhada em 1880 por Ratzel (MÜLLER, 1992: 448), "*anthropogeographie*" já havia sido utilizada antes

³ "Es schien mir am wichtigsten, die Angliederung der Anthropogeographie an eine allgemeine Biogeographie" (RATZEL, 1909: X).



dele cunhar a metodologia homônima. Na enciclopédia de Mager (1847), ela figura no subtítulo do capítulo Geologia.

Apesar disso, a palavra "*Anthropogeographie*" apenas foi discutida conceitualmente a partir da publicação, em 1882, da obra homônima. Obra esta que repercutiu no meio acadêmico desde seu lançamento. Sendo, no mesmo ano, resenhada pela conceituada revista científica inglesa *Nature* (1882), pelos seus próprios editores à época. Projetando o jovem professor Friedrich Ratzel para a história da ciência.

A metodologia antropogeográfica é posta pelo seu organizador como *indutiva*, e como uma subárea da Biogeografia, assim como a Fitogeografia e a Zoogeografia. Seria, portanto, um estudo da *distribuição da espécie humana no planeta*, embora a tradução em português tenha popularizado, equivocadamente, como *geografia do homem*, que em alemão seria algo do tipo "*geographie des menschen*" e não *anthropogeographie*.

A principal preocupação da Antropogeografia é levantar explicações plausíveis para a distribuição dos grupos humanos pela superfície do planeta. Para isso, deve-se identificar seus *locais* de origens, rotas de *migração*, *lugares* de surgimento de novas sedes... Identificando os espaços de dominação de determinada *população humana* (grupos sociais, culturais, econômicos, políticos...), ou seja, seus *territórios*. Bem como as formas/processos de uso/dominação territorial desses grupos: *territorialidade/territorialização*, que forjam *paisagens antrópicas* (ou culturais). Além disso, subdivisões desses espaços em *regiões* e os processos que levam as estas *regionalizações* também podem ser traçados por meio da Antropogeografia.

Dessa forma, a Antropogeografia foi traduzida em francês como *Geographie Humaine*, e ajudou a fundamentar e estruturar a Geografia enquanto campo científico.

Como dito, basicamente é uma proposta metodológica pela qual se busca entender e explicar a difusão dos povos na superfície terrestre. Relaciona-se à estudos e entendimentos sobre as relações entre sociedades e condições ambientais. Considera elementos da História e da Antropologia em seu procedimento científico, além da Geografia e Ecologia. Destaca a importância que o teatro dos acontecimentos assume perante a história.

Essa preocupação em entender e explicar a movimentação das populações humanas sobre o globo e a interferência possibilitada pelas condições ambientais não é um assunto novo perante o conhecimento escrito. Ela vem de, pelo menos, mais de



2.500 anos. Povos egípcios, semitas, fenícios, gregos, árabes, chineses... já possuíam livros e escritos tratando de descrever lugares, povos, suas migrações e "geografias" (TAU, 1949: 163-173). Entretanto, Ratzel propõe uma metodologia científica que pudesse estruturar e instrumentalizar esse tipo de estudo, ou seja, foi um "momento epistemológico" (RAFFESTIN, 1993: 12), de incomensurável impacto na Geografia.

O fato da Antropogeografia estar umbilicalmente ligada à Biogeografia (assim como a Fito e a Zoogeografia) sustenta a filiação de uma Geografia Biocultural à ela, pois entende a Terra como a grande provedora de recursos para alimentação, morada, continuação da espécie e suporte para todas as criações humanas, reforçando a importância de se adotar esta metodologia para uma pesquisa biocultural na Geografia.

O holismo na Geografia produzida na primeira metade do século XIX influenciou magistralmente a Antropogeografia. Do naturalismo *naturgemälde* de Humboldt veio a noção dos "*lugares de vida*"⁴ (RATZEL, 1909: 2, *t.m.*), que busca dar explicações para as conexões existentes entre o meio físico e a vida nele existente, seja por meio da alimentação, suporte, ou outras possibilidades de fluxos energéticos entre a vida planetária e a matéria inorgânica. Esta noção também havia embasado estudos da geografia das plantas por Humboldt, e da zoogeografia por Darwin e Wallace.

Estes estudos sobre a geografia da vida constituem o campo da Biogeografia, onde Ratzel posicionou a Antropogeografia como uma de suas preocupações: "uma geografia cultural de origem biogeográfica" (MATAGNE, 1992: 327). Na formulação dessa proposta, o geógrafo alemão pretendia oferecer um "instrumento alternativo às fragmentações promovidas pelos estudos especializados de flora e fauna, sobretudo quando estes se desenvolvem excluindo a ação humana, ou antropogeográfica" (CARVALHO, 2000: 3).

Ideias de filósofos como Montesquieu, Voltaire, Buffon, Kant, Forster, Pallas, Zimmermann e Goethe contribuíram para essa concepção. Especialmente aquelas que tratam das relações e influências das condições naturais sobre a história e a fisionomia humana.

Entretanto, as principais inspirações da Antropogeografia de Ratzel estão em Herder e Ritter. Do primeiro ele obtém a ideia de que "a humanidade é uma parte da Terra"⁵ (*ibidem*: 15, *t.m.*). Já do último, ele dá continuidade a ideia de fazer da

⁴ "*Lebenslocäften*" (RATZEL, 1909: 2).

⁵ "*Die Menschheit ist ein Stück der Erde*" (*ibid.*: 15).



Geografia não uma mera disciplina que sirva de pano de fundo para as outras ciências, ou uma colcha de retalhos, mas sim, "emergir-la num sólido corpo científico" (RITTER *apud.* RATZEL, 1909: 20, *t.m.*)⁶, inseparável, no entanto, da História. Pois "*a Geografia não é nada além da História no Espaço, bem como a História é a Geografia no Tempo*"⁷, sintetiza Elisée Reclus (1905: 4, *t.m.*) paradoxalmente, outro importante continuador da obra de Ritter.

A Geografia promovida por Ritter "absorveu com grande carinho o antigo problema filosófico das inter-relações entre natureza e humanidade" (RATZEL, 1909: 9, *t.m.*)⁸ e buscava entender as influências recíprocas em vista de estabelecer uma síntese, sem hesitar em reportar-se aos avanços promovidos por outros campos científicos (MÜLLER, 1992: 438).

Dentre os conceitos básicos e premissas que a Antropogeografia adota estão:

- A *humanidade* é uma só, constituída por pessoas, povos e nações;
- A humanidade é telúrica, planetária;
- Existe apenas uma espécie humana, com numerosas variações em pequenas proporções;
- A vida é única, está presente em toda parte, cada uma de suas formas está ligada a todas as outras e ao mundo;
- O *ecúmeno* é a área habitável pela humanidade, seu *habitat*;
- **A história da humanidade não pode ser considerada como um fenômeno independente do meio;**
- Da natureza há diversas possibilidades dum povo (ou fração dele) ampliar, reforçar ou adquirir características;
- *Território* é até onde vai o domínio de um grupo humano, sua posse, sua propriedade, sua soberania;
- O *horizonte geográfico* de um indivíduo é até onde vai a realidade ambiental por ele conhecida;
- Não é possível analisar uma sociedade sem observar seu território;
- Um território fechado em si mesmo favorece a formação de um povo homogêneo, impedindo ou limitando a penetração de elementos estranhos;
- Um território muito aberto favorece a miscigenação e o cruzamento dos povos;

As principais perguntas que a Antropogeografia busca responder são:

- Como a humanidade é distribuída e agrupada sobre a Terra?
- Como são diferidos seus grupos (étnicos, nacionais, linguísticos, religiosos, políticos) na superfície terrestre?
- Por onde se deu a distribuição das sociedades humanas sobre o globo?
- Quais foram as áreas originais e seus itinerários de *migração*?
- Quais fatores facilitaram ou impediram uma tomada de direção?
- Quais os fatores do ambiente que podem influenciar na formação de indivíduos, etnias, traços, nações, Estados?

⁶ "Wissenschaftliches, Gediegenes hervorgehen soll" (RITTER *apud.* RATZEL, *op. cit.*: 20).

⁷ "La Géographie n'est autre chose que l'Histoire dans l'Espace, de même que l'Histoire est la Géographie dans le Temps" (RECLUS, 1905: 4).

⁸ "Die Geographie hat seit ihrer Erneuerung durch C. Ritter mit großer Vorliebe das alte philosophische Problem der Wechselbeziehungen zwischen Natur und Menschheit" (RATZEL, 1909: 9).



Os principais fatores observáveis pela Antropogeografia que interferem no destino (difusão) dos povos são: a densidade populacional; a necessidade/disponibilidade de alimentos; a divisão do trabalho; a concorrência/cooperação/associação social; a amplitude do território; os recursos (e as técnicas) disponíveis; a energia associativa do povo com a fertilidade do meio; e a posição geográfica (potencial de intercâmbio/isolamento e segurança/vulnerabilidade).

Já os principais fatores do meio a serem observados são: o clima (modifica o corpo na escala de milhares de anos); a topografia (interfere na direção das migrações, na expansão de um território e na localização dos agrupamentos); a hidrografia (influi nas comunicações ou isolamento, condiciona miscigenação ou conservação genética); e os recursos naturais (favorece o desenvolvimento tecnológico, agrícola, industrial e o comércio).

A cartografia é um dos instrumentos de visualização e síntese fundamentais aos Antropogeógrafos. Estes que devem examinar as formações políticas nas quais os migrantes/conquistadores/invasores se dividem quando se estabelecem em um novo território; e analisar, descrever e expressar graficamente o processo pelo qual os povos sucederam; examinando as causas e circunstâncias geográficas.

Uma análise geográfica enriquece de imagens as análises históricas, pois a mente tem necessidade de imagens, e por isso tende a isolá-las.

Apesar disso, a Antropogeografia é criticada tanto por positivistas como por não-positivistas do início do século XX. Contudo, o próprio Ratzel não se declarava como tal, não podemos situar uma ciência pautada no romantismo de Goethe como positivista, o que transparece é que ela seja uma proposta romântica híbrida, holística, transdisciplinar (CARVALHO, 1999). Mais próxima do que Morin (2003) define como *ciência complexa* do que como Auguste Comte definiu como *positiva*. Os equívocos nas traduções das produções de Ratzel do alemão para o português, também podem ter servido para alimentar esse olhar míope, suas obras *Völkerkunde* e *Anthropogeographie* foram traduzidas como *As Raças Humans* e *Geografia do Homem*, respectivamente, quando deveriam ter sido *Etnografia* e *Geografia da Espécie Humana*.

É importante lembrar que ela surge no final do século XIX, no ápice do colonialismo europeu, assim como as Geografias Regional e Escolar francesas e outros campos científicos como a Antropologia. Dessa forma, os Estados europeus a utilizaram



para conhecer melhor os povos e territórios que pretendiam subordinar, um papel exercido por todas as disciplinas científicas da época.

Ratzel sempre alertou sobre os perigos do determinismo, por isso salientou a importância de se acrescentar o passado histórico às condições externas. Negou a existência de etapas lineares de evolução ou progresso social. Defendeu que “a escala hierárquica dos povos caçadores, nômades e agricultores, estabelecida pela velha Etnografia, é tão errônea como os sete estágios da civilização de Morgan⁹” (RATZEL, 1909: 18, *t.m.*)¹⁰.

Apesar deste embate no início do século XX com importantes sociólogos e antropólogos franceses, na Antropologia alemã isso não reverberou, ela defendeu que o Etnólogo deveria “levar em conta os resultados da pesquisa e os métodos da Geografia, especialmente da Antropogeografia e da Geografia Econômica”¹¹ (DITTMER, 1954: 12, *g.m.*).

A escola antropogeográfica foi duramente rivalizada pela regionalista francesa da primeira metade do século XX por meio do conceito do *modo* ou *gênero-de-vida* (LA BLACHE, 1954 [1922]). Conceito este também desenvolvido e trabalhado pelos germânicos. Entretanto, é importante frisar que este conceito não abarca todos os fatos culturais geográficos, mas apenas aqueles relacionados ao trabalho e a economia, sobretudo vinculados a técnicas de aquisição e transformação material dos recursos naturais para fins de alimentação, vestimenta, habitação e transporte (SORRE, 1984 [1948]). Deixando de lado importantes aspectos culturais como espiritualidade, religião, linguagem, musicalidade, festividades, idiomas etc. E estabelecendo comparações valorativas e evolucionistas tendo por referência o modo de vida eurocidental, principalmente urbano, parisiense. Transparecendo um caráter eurocentrista que já era questionado na Geografia de Ratzel (1912) e de Reclus (1905), e sobretudo na Antropologia de Franz Boas (1940), mais propensos a ideia da diversidade cultural como resultante de diferentes aspectos históricos e geográficos vivenciados pelos

⁹ Estágios da civilização admitidos por Lewis Henry Morgan: I. Selvageria inicial, infância da raça humana; II. Selvageria média, aquisição de subsistência de pesca e uso do fogo; III. Selvageria superior, invenção do arco e flecha; IV. Barbárie inicial, uso da cerâmica; V. Barbárie média, pastoreio ou agricultura de irrigação; VI. Barbárie superior, fundição e uso de ferramentas metálicas; VII. Civilização – viver em cidades (urbes) (KUPPER, 2008: 112).

¹⁰ “Die ältere Ethnographie mit ihrer hierarchischen Reihenfolge, Jäger, Nomaden, Ackerbauer, ist ebenso in die Irre gegangen wie Morgan, der sieben Kulturstufen annahm” (RATZEL, 1909: 18).

¹¹ “Der Völkerkundler auch die Forschungsergebnisse und Methoden der Geographie, namentlich der Anthropogeographie und Wirtschaftsgeographie, zu berücksichtigen” (DITTMER, 1954: 12).



grupos humanos, não cabendo um julgamento evolutivo ou de valor. Pois, no limite, todas as culturas e aspectos culturais apresentam complexidades e idiossincrasias incomparáveis em razão de suas peculiaridades históricas e geográficas.

Vale salientar que o embate de pesquisadores franceses contra o método dos alemães foi principalmente devido à conflitos nacionais e geopolíticos enfrentados entre os dois países (França e Alemanha) à época e, para afirmarem seus campos científicos (LACOSTE, 1988 [1976]).

Na segunda metade do século XX, a tradição regionalista francesa foi duramente criticada internamente. Yves Lacoste conclamou uma cruzada contra, sugerindo um maior conhecimento sobre a obra do também francês Elisée Reclus, que havia sido ofuscada pelos lablachianos. Claude Raffestin (1993), relendo as obras de Ratzel, estabelece que as bases de uma Geografia voltada para as estruturas do poder estariam no entendimento das relações *simétricas* e *dissimétricas* entre *populações* e *recursos*, fundamentais para a constituição dos *territórios*. Ele diz que

Ratzel está num ponto de convergência entre uma corrente de pensamento naturalista e uma corrente de pensamento sociológica [...] buscou nas ciências naturais, na etnografia, na sociologia, e sobretudo na história [...] influenciado por geógrafos como Ritter e Reclus (p. 12, *g.m.*).

GEOGRAFIA CULTURAL

Como posto acima, a Antropogeografia ressoou na ciência diversos estudos e propostas metodológicas. No extremo oeste dos Estados Unidos, o jovem doutor Carl Sauer é chamado para dirigir o curso de Geografia no campus de Berkeley da *University of California*. Lá, ele iniciou um campo de pesquisa conhecido como *Cultural Geography*, fundamentado numa proposta metodológica intitulada *Morphology of Landscape*, sob inspiração das ideias ratzelianas (PEDROSA, 2015), apresentadas a ele por meio de um colega de campus, o também geógrafo e professor no curso de Antropologia, Franz Boas.

Carl Ortwin Sauer¹² nasceu em Warrenton, Missouri (EUA), 1889, filho de imigrantes alemães. Quando criança, foi enviado para estudar na Alemanha por cinco anos. A perspectiva de seu pai como botânico interessando em história e geografia influenciou na sua formação. Estudou Geologia na *Northwestern University*, sem

¹² https://en.wikipedia.org/wiki/Carl_O._Sauer



concluir, e logo foi estudar Geografia na *University of Chicago*, onde foi influenciado pelo geólogo Salisbury e pelo botânico Cowles. Sauer escreveu sua dissertação sobre a geografia das montanhas de Ozark (centro-sul do EUA) e doutorou-se em 1915, quando passa a lecionar na *University of Michigan*. Em 1923 integra o Departamento de Geografia no campus de Berkeley da *University of California*.

Ele publicou mais de 20 livros e 90 artigos científicos, dentre eles *The survey method in Geography and its objectives* (1924), *Themes of plant and animal destruction in economic history* (1938), *Environment and culture during the last deglaciation* (1948) e *Agricultural Origins and Dispersals* (1952). Mas será seu artigo *The Morphology of Landscapes* (1925) o que mais influenciou a Geografia e outros campos científicos como a Ecologia, a Antropologia e a Arqueologia.

A Morfologia da Paisagem (SAUER, 1925) é uma metodologia para, basicamente, se analisar os fenômenos da realidade perceptíveis na paisagem. É uma proposta que em certa medida se apoia nos fundamentos da Antropogeografia, entretanto se atém principalmente aos elementos culturais da paisagem. Seria um tipo de geografia ecológica humana.

Para Sauer, toda ciência que busca conhecer os fenômenos e suas conexões pode ser considerada *fenomenológica*. Assim, ele situa sua Geografia nessa epistemologia, partindo da filosofia da natureza, com base no método morfológico de Goethe. Mas ao invés de ter os seres vivos ou a geologia como objeto de observação como fez o romântico naturalista alemão, a paisagem é o grande campo de observação e análise proposto por Sauer, tendo o mapa como o símbolo imemorial desse conhecimento geográfico. O Mapa é uma visão de mundo, nele está imbricada a cosmologia do cartógrafo e da sociedade à qual pertence.

Na Morfologia da Paisagem os fenômenos não podem ser apenas reunidos, pois estão associados. Deve-se descobrir essa conexão e ordem em área, desde que haja coerência nas associações. Fenômenos e elementos orgânicos e inorgânicos isolados não são completamente da Geografia, mas as relações entre eles sim, bem como o entendimento do significado da variada cena terrestre para cultura que a produziu.

O tempo é fundamental nesse entendimento. A periodização é uma forma de se estabelecer limites (fases) temporais.

Para se entender as interrelações entre os objetos na paisagem é importante observar sua forma, estrutura, função e os processos atuantes (seu desenvolvimento,



mudança e desaparecimento). As formas da terra são modeladas não apenas por processos físicos, mas também culturais. Assim, as paisagens formam um sistema geral (orgânico) entre os elementos abióticos, bióticos e as culturas humanas. Esta última deve ser o centro das análises. A paisagem limita a ação humana, criando condições para a modificação de ambas.

Definir paisagem como únicas, desorganizadas ou não relacionadas, não tem valor científico. O geógrafo tem liberdade de escolha dos materiais observados para estabelecer continuamente relações e conclusões, e novas relações e conclusões. Assim, o grande papel da Geografia seria, portanto, representar a forma da superfície física, vegetal, animal e a expressão cultural visível ou identificável no espaço.

Assim como a Antropogeografia, o método morfológico é *indutivo*, porém sistemático. Recusa teorias *a priori*. Parte da observação na busca de uma síntese empírica, relacionando os elementos da paisagem organicamente. Agrega e ordena os fenômenos em estruturas integradas com um mínimo de suposição e valores subjetivos. Ele propõe uma ciência quase objetiva.

Parte de uma classificação das formas, não necessariamente do relevo, mas a interconexão entre fenômenos que formam a paisagem, sobretudo tendo em vista sua função para um contexto cultural específico. Apoia-se na Antropologia para se entender as estruturas culturais, suas instituições (organização política, religiosa etc.) e manifestações concretas (vestuário, habitação, ferramentas, linguagem e costumes). A temporização é necessária para se apreender sua duração no tempo.

Todos os fatos geográficos devem ser organizados em um sistema geral, somente através do qual sua relação possa ser compreendida. Assim, os passos de uma pesquisa sobre a morfologia da paisagem são: 1.º - Descrição sistemática; 2.º - Relação genética; 3.º - Identificação morfológica; e 4.º - Relacionamento dos fenômenos.

A descrição da paisagem parte de nomes populares das formas do relevo, hidrografia, matas etc. Estabelece associações (conjuntos) desde as escalas mais amplas (globais) até as mais localizadas (habitações).

Não importa o local de estudo, tudo pode levar a conclusões de que há processos muito antigos e muito recentes envolvidos na formação das paisagens.

Sauer crítica o determinismo e o ambientalismo que veem a natureza como agente e a ação humana como respostas. Pois isso ignora a criatividade e as conjecturas culturais que levam a certas ações humanas, independentemente da natureza.



A Geografia de Sauer é fortemente influenciada por uma ontologia culturalista. Compartilha da ideia do ser humano como uma espécie supraorgânica (KROEBER, 1917) e, nesse sentido, a cultura seria um processo atrelado às coletividades humanas, mas com leis próprias, dificilmente explicáveis, e livres dos processos psicológicos dos indivíduos (DUNCAN, 2020). Essa visão supraorgânica de Sauer, o levou a considerar a espécie humana como um ser superior aos outros sujeitos do planeta. Assim, na Geografia Cultural de Sauer os seres humanos não são apenas parte da paisagem, mas nela realizam sua experiência de vida. É como se o destino da paisagem fosse a sua transformação cultural, a serviço do ser humano.

Para se distanciar de um determinismo ambiental, Sauer enfatiza e focaliza tanto na espécie humana, que tende a um certo determinismo social, uma Geografia com tendências antropocêntricas (SAUER, 1924: 18).

Para se evitar isso, Duncan sugere uma aproximação ao entendimento das vicissitudes do indivíduo, que por meio de sua decisão poderia furar o bloqueio do hábito que caracteriza determinada cultura, conclamando para uma Nova Geografia Cultural, mais politizada e crítica. Entretanto, essa proposta epistemológica não frutificou em análises socioambientais, sendo mais aplicada em estudos urbanos e da paisagem artística (COSGROVE, 1998). Por outro lado, a Geografia Política desenvolvida por Raffestin considerou o papel da territorialidade na produção das paisagens, direcionando análises para uma Ecologia Política. Religando, portanto, conceitos tradicionais da Geografia, como os desenvolvidos pela Geografia Cultural saueriana e ratzeliana, porém com uma visão mais crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As principais contribuições da Antropogeografia e da Geografia Cultural para estudos da diversidade biocultural no planeta que consideramos são os conceitos de área (de origem e difusão) cultural, paisagem cultural e território. Além disso, as noções de modo de vida e territorialidade nos ajudam a entender as relações bioculturais intrínsecas àqueles conceitos.

A noção de área de origem e difusão cultural foi apresentada por (RATZEL, 1912 [1891]) como explicação para a semelhança entre línguas, religião, alimentação e outras ideias junto a povos de diferentes origens etno-raciais. Ela consiste na



identificação de centros de evolução (ou surgimento) de determinada inovação que se espalhou no espaço geográfico, sendo possível delimitar áreas por onde se difundiram.

Concomitantemente, Gabriel Tarde (1890) apresentou a *lei da imitação*, no campo da Sociologia e Psicologia, buscando estabelecer os limites da criatividade (inovação) e da imitação (difusão) de ideias, sendo o primeiro próprio do indivíduo e o segundo dos grupos sociais. Nela, a criatividade é movida pela força individual do desejo, e a imitação pelo reconhecimento externo de integração, de fazer parte a determinado grupo. Com base na filosofia de Leibniz, de que tudo no Universo está conectado, ele defendeu que a imitação é a lei maior, é a que se mantém na história, pois o imitador se reconhece no outro, o que seria a base da vida em sociedade.

Na primeira metade do século XX, Leo Frobenius, que fora aluno de Ratzel assim como Franz Boas, e Carl Sauer, inspirados nas ideias da Antropogeografia, ampliaram seu entendimento no âmbito da Antropologia e da Geografia. Eles propuseram diversas áreas culturais como horizontes de difusão de ideias, sendo algumas delas, contudo, estabelecidas historicamente por meio da violência. Já na segunda metade do séc. XX, Everett Rogers (1962) amplia a compreensão desse conceito no campo das Comunicações, explicando noções de elementos-chave, tais como: os inovadores, os adotantes, os canais e fluxos de ideias, e o tempo e a cultura da inovação.

A definição das áreas, regiões ou horizontes culturais se baseia em fenômenos culturais definidos, como língua, religião, alimentação, uso da terra, arte, artefatos etc. Fenômenos estes que participam da construção da identidade dos grupos sociais e que se difundiram a partir de um centro de origem e, portanto, são mapeáveis.

O procedimento de identificação de uma área cultural se passa pelo reconhecimento desses traços culturais marcantes e suas interrelações entre povos de diferentes regiões. Definir seu local de origem requer reconhecer que ele resulta de um longo processo de modificação. As migrações, o comércio, o sequestro, o casamento interétnico e a deserção de unidades familiares de seus grupos étnicos originários são alguns dos mecanismos desse movimento, e estimulam o desenvolvimento de novas formas culturais. A reprodução nem sempre é uniforme, ela se modifica do centro de origem para os locais de recepção. Há também sentidos reversos, onde uma ideia retorna ao seu centro de origem, modificada. Essa teoria não considera um único centro de origem cultural ancestral para toda humanidade, as ideias são policêntricas, pois é



pouco provável que apenas um grupo social tenha sido capaz de desenvolver as primeiras formas de linguagem e instituições. Por isso, o modelo mais aceitável não é aquele desenvolvido pelos taxonomistas evolucionistas, mas um emaranhado de entrecruzamentos formando culturas híbridas que se individualizam e dão origem a novas formas culturais que se entrecruzam novamente (BOAS, 1940: 294).

No Brasil, são importantes os trabalhos de Nimuendaju (2002 [1944]) para a definição de áreas etnolinguísticas, e de Galvão (1960) para o entendimento de áreas culturais indígenas. Sauer (1950) também apresentou um estudo sobre a geografia dos alimentos nativos do Brasil.

Uma das formas de se identificar uma área cultural é por meio da observação da paisagem, ou melhor, da paisagem cultural.

A *paisagem cultural* é uma derivação da *paisagem natural* ou *original*. É resultado da ação humana sobre esta última ou sobre uma paisagem cultural mais antiga.

A *paisagem natural* é fruto das ações de fenômenos telúricos na história natural do planeta, ou seja, o material de origem (rochas), a ação climática, a formação pedogenética e a colonização biológica (flora e fauna), mas não isoladamente, e sim a complexa interrelação necessária para sua formação (SAUER, 1925: 22). Para entendê-la é necessário observar a paleogeografia da Terra: sua história geológica, paleoclimática e paleobiogeográfica no intuito de se compreender o complexo que atuou antes da interferência humana na sua formação. Quanto mais próximo do presente os fenômenos culturais irão cada vez mais influir nas formas das paisagens.

O sítio natural oferece os recursos que as espécies têm para realizar sua vida. A obra Kosmos de Humboldt (1849 [1845]) é o primeiro importante estudo moderno a se dedicar a temática. Dentre estas espécies há a humana, grande utilizadora e apropriadora, sendo a já citada Antropogeografia de Ratzel (1909 [1882]) a primeira proposta metodológica a se ater a este fenômeno.

A paisagem cultural nasce da marca humana sobre a paisagem natural (SAUER, 1925). Para seu entendimento é importante observar as sucessivas instituições culturais que a utilizaram, analisando os vestígios nas formas das paisagens, os materiais e objetos utilizados e seus significados em seus respectivos contextos históricos. Ou seja, uma paisagem cultural é resultado da sua geografia e história.

No sentido de se classificar os modos de vida, ou seja, as técnicas como os grupos sociais apropriam e transformam a paisagem, Jean Brunhes (1956 [1925])



propôs uma classificação das formas culturais como “fatos essenciais da geografia” (SAUER, 1925). A noção de territorialidade, também é uma proposta para melhor entender esse modo de vida, mas sob um aspecto territorial desde o indivíduo (incluindo crianças, idosos e a diversidade de gêneros sexuais e afetivos).

Para se entender uma paisagem cultural é importante conhecer a quantidade, densidade de pessoas habitantes, bem como os grupos étnicos estabelecidos e migrantes. Além disso, as formas de uso dos recursos para fins de alimentação e habitação também são importantes fatores, assim como os meios de produção e comunicação. Atentando-se para o fato de que todos esses elementos são localizados na história, com momentos de surgimento, desenvolvimento e desaparecimento, vinculados à história social dos povos e seus territórios.

O conceito de território proposto pela Antropogeografia advém de sua ligação com a Biogeografia. As estratégias de defesa exercida por indivíduos e grupos sociais pelos recursos dum determinado espaço para manutenção de sua sobrevivência é a base do sentido de território em Ratzel. Território é, portanto, o solo, a terra onde determinado grupo social domina com o intuito de se beneficiar dela economicamente, espiritualmente, culturalmente etc. Possui uma conotação explicitamente de poder, política, mas vinculada ao comportamento humano, que é biocultural, ou seja, ao mesmo tempo que detém aspectos biológicos e psicológicos, é condicionado por elementos sociais e culturais.

Na versão germânica da obra Antropogeografia, Ratzel (1909: 42-48) nunca usa a palavra “*territorium*” para se referir ao espaço onde as pessoas e suas instituições exercem seu poder, ele usa “*boden*” ou “*gebiet*”, palavras que foram traduzidas na versão compacta em português como “território” (RATZEL, 1990: 73-82). Uma tradução livre da primeira pode nos levar a palavra “solo” ou “terra”, enquanto a segunda pode significar “área”, “região”, “campo” ou “propriedade”. Ou seja, foi por meio da apropriação humana, cultural, do espaço físico (ou paisagem) que o conceito de território se desenvolveu a partir da Antropogeografia.

No final do século XX, geógrafos políticos consolidaram o conceito de território como um espaço de poder, mais ou menos delimitado e com um sujeito dominante (RAFFESTIN, 1993: 143). O território de um grupo social corresponde “a porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano” (MORAES, 1990: 23). É o espaço físico em que um determinado sujeito exerce seu domínio. Sobre um mesmo



território dificilmente ocorrem sobreposições de domínio de sujeitos de mesma natureza, quando há, é visto como uma interface, um espaço que pode ser de convívio, influência ou disputa. Mas geralmente os sujeitos procuram delimitar suas fronteiras, ou estabelecer regras de convívio. A apropriação humana do espaço, material ou simbolicamente, é o que o faz território (RAFFESTIN, 1993: 143).

A segurança (proteção, abrigo, habitação) e a alimentação são necessidades essenciais a todos os seres vivos, inclusive aos humanos, e estão intimamente relacionadas ao seu território (RATZEL, 1909: 42-43). Por isso os grupos humanos tendem a se alocar próximo a suas fontes de recursos. No caso das cidades, onde o dinheiro passa a ser o principal meio para obtenção de alimentos e moradia, as ocupações humanas passam cada vez mais a se distanciarem de fontes alimentares, e se aproximarem da fonte de renda. A delimitação e proteção do território é uma forma de garantir o controle de seus recursos.

O território é, portanto, essencialmente um fator espacial e social, permeado de identidade e atrelado a uma dimensão política. Sendo possível sua categorização e dimensionamento por meio da identificação do patrimônio cultural e simbólico grafados na paisagem por sua população, grupo ou comunidade (ANJOS, 2009: 8). É o chão mais a população. Uma identidade. O sentimento de pertencer àquilo que lhes pertence. Além disso, o território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (M. SANTOS, 2000).

Partindo desse conceito de território, que apresenta certa similaridade a noção de *área de vida* na Biogeografia, surge a ideia de *territorialidade*, ou seja, como os sujeitos (e seus coletivos) se relacionam com o meio para a realização de suas existências. A diferença está principalmente na defesa, ou seja, enquanto a primeira noção se refere ao espaço de existência de determinada espécie, grupo ou indivíduo, a última trata de proteção do espaço exercida pelos sujeitos (BURT, 1943). Ou seja, como produzem, delimitam e defendem seu *território*. Como os sujeitos exercem seu poder, seu domínio sobre o espaço (RAFFESTIN, 1993). Assim, não se restringe a observação das técnicas de apropriação dos recursos com fins econômicos, como tradicionalmente enfoca o conceito de *modo de vida*, mas das instituições políticas e culturais que possibilitam o controle espacial.

A territorialidade não é exclusiva da espécie humana, mas de diversos animais territorialistas. É uma característica adotada por determinados organismos para defender



seu território contra outros da mesma espécie ou mesmo de outras que coloquem em risco a sua dominância. Na realidade humana, ela é estabelecida de acordo com o grau de alteridade entre indivíduos e grupos sociais, portanto, um processo biocultural que envolve identidade, comunicação e sobrevivência (RAFFESTIN, 1977: 130).

Na tentativa de apresentar um melhor entendimento da territorialidade humana, Sack (1983) a apresenta como um artifício de dominação espacial exercido por um sujeito impondo restrições de acesso a outros, não agindo necessariamente sobre estes mas sobre o espaço, produzindo barreiras, limites e expedientes de defesa que definirão seu território. Normas sociais fazem da territorialidade humana mais uma estratégia política e cultural do que instinto biológico, interferindo no comportamento de ambos os sujeitos (dominante e dominado).

Raffestin (1977), por sua vez, estabelece uma ligação entre territorialidade e paisagem. Para ele, a paisagem de hoje é resultado de territorialidades do passado, e a territorialidade de hoje resultará na paisagem futura. Territorialidade essa definida como o conjunto de relações desenvolvidas pelo indivíduo, ou um grupo social, com seu entorno. Ou seja, é a atividade humana sobre o espaço, cujo domínio territorial se estabelece em escalas e intensidades diferenciadas, que podem ser simétricas (com ganho de energia e informação por ambos os sujeitos) ou dissimétricas (quando um sujeito perde informação ou energia). Essa atividade (ou vida social), que é a territorialidade, apresenta infinitas possibilidades que moldam a diversidade de paisagens existentes, o espaço visto resultante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas metodológicas e conceituais na Antropogeografia e na Geografia Cultural são de essência ambientalista e culturalista, simultaneamente. E, portanto, apresentam instrumental pertinente a estudos da diversidade biocultural no espaço.

É necessário resgatar o papel holístico e sintético que essas escolas geográficas originalmente propuseram, para melhor entender o espaço humano, sobretudo as relações intrínsecas natureza-humanidade. Uma proposta que somente poderia florescer no seio de um campo dicotômico como é a Geografia.

Esse resgate (ou reafirmação) pode contribuir para que a Geografia reencontre suas perspectivas multidimensionais complexas e globalizantes, conforme conclama



Jacques Lévy. Pois a Geografia, essa bela incógnita como define Jean-Paul Allix, parece se envolver em tudo, na busca de discernir melhor como é o planeta, e como ele funciona.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, R. S. A. dos. **Quilombos: Geografia Africana - Cartografia Étnica - Territórios Tradicionais**. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.
- BOAS, F. **Race, Language and Culture**. New York: The Macmillan Co., 1940.
- BRUNHES, J. **La Géographie Humaine**. [1925] ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.
- BURT, W. H. Territoriality and home range concepts as applied to mammals. **Journal of Mammalogy**, 24(3), p. 346-352, 1943.
- CARVALHO, M. B. de. Geografia e complexidade. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, n. 34, p. 1-35, 1999.
- CARVALHO, M. B. de. Novos Fundamentos para a biogeografia: a revolução biotecnológica e a cartografia dos mananciais de bio-sociodiversidade. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. 69, n. 17, p. 11, 2000.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Ed.). **Paisagem, tempo e cultura**. Geografia ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. [1996] 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- DITTMER, K. **Allgemeine Völkerkund: formen und entwicklung der kultur**. Braunschweig: Friedrich Vieweg & Sohn, 1954.
- DUNCAN, J. S. O Supraorganico na Geografia Cultural Americana. **Espaço e Cultura**, v. 13, p. 7-33, 2020.
- GALVÃO, E. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. **Antropologia MPEG**, n. 8, 1960.
- HUMBOLDT, A. von. **Cosmos: a sketch of a physical description of the universe**. [1845] ed. London: Henry G. Bohn, 1849.
- KROEBER, A. L. The superorganic. **American Anthropologist**, v. 19, n. 2, p. 163-213, 1917.
- KUPPER, A. **A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito**. Recife: EdUFPE, 2008.
- LA BLACHE, P. V. de. **Princípio de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.
- LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papyrus, 1988.
- MAFFI, L. (ed.). **On biocultural diversity: linking language, knowledge, and the environment**. Whashington-DC: Smithsonian, 2001.
- MAGER, K. **Lesebuch zur Encyklopädie: enthaltend 250 Abhandlungen und Bruchstücke aus 174 Schriften von 129 Autoren über Gegenstände aus allen Gebieten der Wissenschaften**. Zurich: Meyer und Zeller, 1847.
- MARTIUS, C. F. P. **Die Ehemalige Verbreitung und die Muthmasslichen Wanderungen der Tupis: Die jetzigen Haupt-Sprachengruppen**. 1 mapa, color.



- Leipzig, 1867.
- MATAGNE, P. L'anthropogéographie allemande : un courant fondateur de l'écologie? **Annales de Géographie**, v. 101, n. 565, p. 325–331, 1992.
- MORAES, A. C. R. **A Gênese da Geografia moderna**. São Paulo: Hucitec; EdUSP, 1989.
- MORAES, A. C. R. A antropogeografia de Ratzel: indicações. In: **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990. p. 21.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. [1999] 8.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MÜLLER, G. H. Ratzel et la biogéographie en Allemagne dans la deuxième moitié du XIX^e siècle. **Revue d'histoire des sciences, tome 45, n°4, 1992.**, 1992.
- NATURE. Ratzel's "Anthropo-Geographie oder Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte". **Nature**, v. 27, n. 684, p. 125, 1882.
- NIMUENDAJU, C. U. **Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes**. Rio de Janeiro; Brasília: IBGE; MEC, 2002.
- PEDROSA, B. V. "Sauer, Boas, Kroeber e a cultura superorgânica: notas sobre a relação entre geografia e antropologia". **Confins [Online]**, v. 23, 2015.
- RAFFESTIN, C. Paysage et territorialité. **Cahier de Géographie de Québec**, v. 53–54, n. 21, p. 123–134, 1977.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. [1980] ed. São Paulo: Ática, 1993.
- RATZEL, F. **Antropogeographie. Erster Teil: Grundzüge der anwendug der erdkunde auf die geschichte**. [1882] 2^a ed. Stuttgart: J. Engelhorn, 1909.
- RATZEL, F. **Antropogeographie. Zweiter Teil: die geographische verbreitung des menschen**. [1891] 2^a ed. Stuttgart: J. Engelhorn Nachf., 1912.
- RATZEL, F. Geografia do Homem (Antropogeografia). In: MORAES, A. C. R. (Ed.). **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Ática, 1990. p. 32–107.
- RECLUS, E. **L'homme et la Terre: tome premier**. Paris: Universelle, 1905.
- ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. Glencoe-USA: Free Press, 1962.
- SACK, R. D. Human Territoriality: a theory. **Annal os the Association of American Geographers**, v. 73, n. 1, p. 55–74, 1983.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.
- SAUER, C. O. The survey method in Geography and its objectives. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 14, n. 1, p. 17–33, 1 mar. 1924.
- SAUER, C. O. The morphology of landscape. **Publications in Geography**, v. 2, n. 2, p. 19–54, 1925.
- SAUER, C. O. Cultivated Plants of South and Central America. In: STEWARD, J. H. (Ed.). **Handbook of South American Indians**. Whashington-DC: Smithonian, 1950. p. 808.
- SORRE, M. A noção de modo-de-vida e sua evolução. In: MEGALE, J. F. (Ed.). **Max. Sorre: Geografia**. [1948] ed. São Paulo: Ática, 1984. p. 99–123.
- TARDE, G. **Les lois de l'imitation**. Paris: Félix Alcan, 1890.
- TOSSIN, L. F. **Os espelhos do jaguar e o que seus olhos viram na outra margem do rio: repensando o discurso científico sobre as línguas indígenas**. 2017. Unicamp, 2017.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, v. 14, n. 18, p. 225–254, 2004.